



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FRANCISCO ALBERTO RHEINGANTZ SILVEIRA

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-260

Entrevistado: Francisco Alberto Rheingantz Silveira

Nascimento: 18/03/1953

Local da entrevista: Residência do entrevistado (Porto Alegre, RS)

Entrevistador: José Patrício Cunha Pinheiro

Data da entrevista: 31/01/2012

Transcrição: Diego Simon Prates

Copidesque e Pesquisa: Silvana Goellner e José Patrício Cunha Pinheiro

Total de gravação: 39 minutos

Páginas Digitadas: 15

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da carreira do entrevistado como maratonista; Maratona de Porto Alegre; Organização e estrutura da Maratona de Porto Alegre; Relação com a mídia e divulgação da Maratona; Participação do público; Maratonistas mulheres; Relação com o poder público; Grupos de corrida e participação na Maratona; Importância da Maratona para a cidade de Porto Alegre.

Porto Alegre, 31 de janeiro de 2012. Entrevista com Francisco Alberto Rheingantz Silveira, a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

F.S. – Chico Maratona.

J.P. – Chico Maratona... Chico, quando é que começou o teu interesse pelo esporte?

F.S. – Ah, é antigo, foi na época da faculdade, até antes. Eu jogava bola, jogava em um time da gurizada aqui da zona sul e depois jogava no time da faculdade, da UFRGS¹, onde eu estudava Matemática.

J.P. – Depois de jogar, a transição para a corrida foi uma coisa simples, natural? Teve a inspiração de alguma corrida que já acontecia?

F.S. – Não, a transição foi traumática, jogando bola eu quebrei meu quadril e aí desisti, fiquei quase meio ano na fisioterapia e aí me indicaram natação para recuperar meus movimentos da perna; eu tinha 30 anos de idade, nem isso. E aí eu nadei durante três anos, trabalhava muito e nadava, eu tinha dois problemas: 1. Eu não conseguia adequar o horário de piscina como a minha carga horária de trabalho, trabalhava em três lugares; 2. O cloro, naquela época tinha muito cloro, me dava alergia... Desisti da natação, e como eu dava umas “troteadinhas” lá no passado para entrar em forma e para jogar bola comecei a correr sem ter a mínima ideia de nada.

J.P. – Tu lembra o ano em isso que ocorreu?

F.S. – A primeira vez que eu ouvi falar em maratona, foi na Olimpíada de Los Angeles em 1984, ano que eu me acidentei. Fiquei de licença por mais de um mês em casa com a perna para cima. E aí vi aquela suíça chegando daquele jeito², foi um negócio que me impressionou muito: “Mas como é que uma pessoa pode correr 42 quilômetros, isso aí é impossível, tchê”. E, tempos depois, eu vim me tornar um maratonista, que é a prova que sempre mais gostei.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

² Referência à atleta Gabrielle Andersen-Schiess que concluiu a Maratona com enorme dificuldade.

J.P. – De lá para cá, quantas maratonas tu já completaste?

F.S. – De lá para cá eu completei setenta e cinco maratonas, mais doze ultramaratonas, dá oitenta e sete.

J.P. – E Maratonas de Porto Alegre, quantas foram nessas setenta e cinco?

F.S. – Em Porto Alegre, eu bati meu recorde, corri mais vezes, vinte e uma.

J.P. – Dentro de Porto Alegre tu já correste em todos os percursos que a Maratona ocorreu?

F.S. – Sim, em todos. Eu comecei no percurso antigo...

J.P. – Onde que era esse percurso?

F.S. – Largava lá do Parcão³ e vinha aqui pela zona sul, pela Cavallhada⁴... E todo o tráfego junto com a gente.

J.P. – Então, em termos de organização, as primeiras corridas como tu já disseste, vinha todo o tráfego de carro, como é que era essa organização?

F.S. – A organização era bem precária, eu corri em 1988 minha primeira maratona na vida e a primeira em Porto Alegre. Em 1989 foi esse percurso, não tinha quase que nenhuma estrutura. A maratona era bem pobre naquela época, mal tinha a Brigada Militar controlando o tráfego naquelas esquinas mais conturbadas. Posto d'água de cinco em cinco quilômetros, e olhe lá. Para quem ficava muito para trás já não tinha mais, e quando chegava lá no Parcão era aquela confusão, porque já era mais de meio dia, o pessoal já queria almoçar - a população - e os maratonistas atrapalhando todo o tráfego. Depois, em 1990, eu cheguei até treinar, mas a Maratona não aconteceu porque não conseguiram

³ Parque Moinhos de Ventos, contornado pelas Ruas 24 de Outubro, Mostardeiro, Comendador Caminha, Quintino Bocaiúva e cortado pela Av. Goethe, foi oficialmente criado em 1972, possui 115 mil metros quadrados e localiza-se no bairro que leva o mesmo nome em Porto Alegre-RS.

⁴ Avenida Cavallhada

patrocínio... Não aconteceu. O único ano que não teve maratona em Porto Alegre e em 1991 a Maratona deixou de ser em abril e foi para outubro e conseguiu esse patrocínio com a Companhia União de Seguros Gerais⁵. E, se eu não me engano, e eu estou dizendo aqui como participante, o Paulo Silva⁶ deve confirmar isso aí, que parece que eles exigiram que fosse em outubro que era o centenário da empresa. E o percurso mudou: largava do Parcão e ia até o Laçador⁷ e passava pela Avenida Farrapos, pelo centro da Cidade, pegava a Avenida Beira-Rio, e depois eu não lembro mais, chegando lá no Parcão de novo. Essa edição da Maratona já foi mais bem organizada, teve um bom patrocínio, teve tráfego trancado, lembro-me da Avenida Farrapos toda liberada para nós, [trecho inaudível] Maratona todo mundo junto e foi aí que a Maratona de Porto Alegre começou a criar fama por esse Brasil e fora do Brasil.

J.P. – E como era a participação de atletas e também do público que assistia a partir dessa, que dizes que foi um pouco mais bem organizada?

F.S. – É, melhorou, mas não tanto como é agora. Ainda não tinha... O público era composto mais pelos parentes e amigos que se amontoavam para ver a chegada. Ao longo do percurso raramente tinha público, mais o pessoal que dava apoio à Maratona. E a participação de atletas também era pouca, poucos atletas de elite e os amadores que vinham.

J.P. – E a premiação, como é que era a premiação dessas Maratonas? Era só para a elite ou todos que participavam tinham uma premiação específica?

F.S. – Eu me lembro nas primeiras Maratonas... Eu acho que, se tinha dinheiro, era muito pouco; tinha troféu para os primeiros da elite; na categoria não tinha premiação ou se tinha era medalha até o quinto, se não me engano. Depois eles davam diploma e tu ias lá na SOGIPA⁸, em um dia combinado para receber. Eram muito poucos, eu me lembro da minha primeira Maratona, eu fiz em quatro horas e cinco minutos e fui classificado na geral em centro e trinta e dois. Centro e trinta e dois na geral, fui um dos últimos a chegar,

⁵ Empresa de seguros antiga patrocinadora da Maratona.

⁶ Referência ao atleta gaúcho e atual Presidente do Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA)

⁷ Referência à Estátua do Laçador situada na Zona Norte de Porto Alegre.

⁸ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

na minha primeira Maratona, que foi a de 1988 em Porto Alegre. Hoje em dia só uma categoria dessas tem cento e trinta e dois, ou mais até. E aí, com o advento da Companhia União de Seguros Gerais, começou a ter premiação, se eu não me engano em dinheiro, na classificação por faixa etária, e medalha para todos ou troféu, começou a melhorar também as premiações.

J.P. – Qual é a importância que tu acha que tem essa Maratona para a cidade de Porto Alegre, em termos de eventos esportivos, comparando até com outros eventos?

F.S. – Ela tem uma importância, mas eu acho que deveria ter mais, porque o público está sabendo dessa Maratona, porque a Rádio patrocina a Rádio... A RBS⁹, eles começam a colocar na mídia assim um, dois meses, no máximo, antes, é abril e maio, depois junho, julho, agosto, o resto do ano ninguém sabe que tem Maratona e nessa época de verão, ninguém sabe. Eu acho que tinha que ter uma mídia mais... Em Nova York começou com um pingão de gente correndo em torno do Central Park¹⁰ e hoje em dia fecha uma das maiores cidades do mundo e tranca o trânsito para quarenta mil pessoas correrem.

J.P. – Tu achas então que a Maratona deveria ser mais bem promovida durante o ano todo?

F.S. – É... Isso é uma coisa complicada, não depende de nós corredores, depende de patrocínio, de tudo. E ainda nós estamos na fase do que move a mídia é o futebol.

J.P. – Tu achas que a Maratona, para ter mais público, tanto de corredores como assistindo, acharia que simplesmente aumentando o número das inscrições ou então tendo uma melhor premiação ela poderia crescer mais?

F.S. – Poderia sim; atletas de elite é uma coisa limitada, tem um número X e não vai passar daquilo. E a elite vem quando a premiação é alta, senão não vem. Agora, atleta amador.. Tem duas coisas que devem ser levadas em consideração: primeiro, colocar uma taxa de inscrição muito alta assusta, o cara vai vir do Belém do Pará, pega não sei quantos dias de

⁹ Rádio Gaúcha, emissora de rádio pertencente ao grupo Rede Brasil Sul de Comunicações – RBS.

¹⁰ Parque da cidade de Nova Iorque-Estados Unidos da América.

ônibus, para pagar uma taxa de inscrição alta, ele já não vem. Então se tivesse uma taxa mais barata, aumentaria o número de participantes.

J.P. – Quando a Maratona muda de lugar, ela tem outras implicações, tanto no trânsito, nas pessoas que vão assistir... Qual desses lugares, de todos até agora que ela mudou, tu achas que tem a melhor representação para essa Maratona?

F.S. – Em termos de juntar o maior número de público eu não sei ainda, talvez ali no Gasômetro¹¹. Mas em termos de logística, o melhor lugar é essa que tem agora aqui no Barra Shopping¹², indiscutível. Por que ali tem toda infraestrutura, tem o *shopping* disponível e tem aquele espaço largo e amplo. Mas é uma área que não atrai muita gente, quem é que está lá, por exemplo? O pessoal envolvido na corrida. Uma grande coisa foi esses revezamentos que tiveram; eu particularmente não gosto de revezamentos, não tenho nada contra, porque está juntando o público.

J.P. – Você acha que essas corridas paralelas que estão ocorrendo junto, no mesmo dia da Maratona, promovem mais a Maratona ou, efetivamente, atrapalham durante a corrida? Neste caso, você acha que a Maratona deveria ser mais privilegiada?

F.S. – Aí são dois pontos de vista, que devem ficar bem claros. Primeiro, eu acho que Maratona é Maratona. Maratona é uma coisa sagrada, mas Porto Alegre não... Maratona é aquele público fiel, maratona... Acho que não vai aumentar muito por enquanto, então, para aumentar, para crescer é muito bom tu ter a corrida paralela. Acho que a Maratona cresceu com o advento da Rústica, aí o cara fazia a Rústica¹³... “Bom, no próximo ano eu me preparo para a Maratona”. Talvez o público agora que participe desses revezamentos não saiba bem o que é uma Maratona, é mais uma corrida festiva, são grupos de academia... Não sabem, mas talvez se tivesse, uma corrida de dez quilômetros (a Rústica), a Meia Maratona e a Maratona junto, eu acho que seria melhor, porque aí num ano ele faz os dez quilômetros, no outro ano: “Ah, vou me preparar para a Meia, depois para o outro

¹¹ Referência à Usina do Gasômetro, situada na zona central de Porto Alegre.

¹² Barra Shopping Sul, localizado na Zona Sul de Porto Alegre.

¹³ Rústica de Porto Alegre, corrida de menor distância, geralmente de cinco quilômetros, que ocorria no mesmo dia da Maratona para contemplar aqueles corredores que se não se sentiam em condições de corrê-la.

ano para a Maratona”, porque eu não tenho nada contra corrida de revezamento, mas poderia ter outro evento, assim como tem a da Paquetá¹⁴, só revezamento. Uma vez eu até brinquei com o organizador: “Vem cá, não dá para correr sozinho?”. Eu fui e corri em dupla com outro. E acho que está certo: revezamento é revezamento, não tem que ir sozinho. Por exemplo, as grandes maratonas do mundo, não tem corrida paralela, mas por quê? Porque eles atingiram um nível que não precisa; uma corrida paralela atrapalharia. Vamos pegar Paris, Nova York, Berlim, Londres, não tem nenhuma corrida paralela. Buenos Aires, que é uma maratona que eu conheço bem, não tem corrida paralela porque lá já está em quase dez mil pessoas. Agora aqui nós não temos público suficiente para fazer só a Maratona, aí fica aquela encrenca, vão trancar um monte de via pública aqui, e a EPTC¹⁵ começa a reclamar, porque não pode etc., para meia dúzia correr. Enquanto não aumentar a massa de corredores participantes, eu acho que vai ter que ter mesmo um esquema para solucionar isso.

J.P. – Como fazer para aumentar o número de participantes, só na Maratona?

F.S. – Eu acho que uma boa coisa que está acontecendo são essas corridas de revezamento que ocorrem seguidamente e que são promovidas por empresas ligadas ao esporte e etc., isso vai criando um ambiente de corrida. Talvez de cem corredores, dez ou quinze resolvam correr uma Maratona, resolvam ir para esse lado, ou partir para distâncias um pouco maiores, vinte e um quilômetros, é um caminho. E a outra coisa é a divulgação na mídia, tendo mídia funciona. Não tem cantor aí que, não vou citar ninguém, não canta quase nada e tem um sucesso tremendo porque tem a mídia por trás.

J.P. – Quem sabe de repente a nossa posição geográfica não dê tanto retorno midiático?

F.S. – É, mas, por exemplo, a Maratona de São Paulo também está nessa briga e é a maior potência do País. Eles estão... Lá eles têm a Maratona e tem outra de vinte e cinco quilômetros, se não me engano são as duas, já estão nesse ponto. Mas talvez eles sejam a primeira cidade do Brasil que vão partir para uma Maratona sozinha com um público grande. Rio de Janeiro... Estranho, porque no Rio de Janeiro em 1988M eu corri a

¹⁴ Maratona Paquetá de Revezamento.

¹⁵ Empresa Pública de Circulação e Transporte, órgão responsável pelo gerenciamento do transporte na Cidade de Porto Alegre.

Maratona do Rio; foi a única vez que eu corri no Rio de Janeiro e o sonho de todo corredor era fazer Maratona no Rio de Janeiro e, se eu não me engano, tinham quatro mil pessoas e era só Maratona. Tinha quatro mil pessoas, se eu não me engano no ano de 1988, foi no dia 26 de junho de 1988. Ela era patrocinada pelo Jornal O Dia; eu lembro até que fiquei classificado no milésimo lugar, e fiz em três horas e trinta e quatro minutos, e chegou muita gente atrás de mim... Eu não sei por que no Rio de Janeiro morreu, 1988, são vinte e quatro anos atrás. Morreu e agora estão retomando... Essa Maratona que está aí... Esse ano tem até a Meia Maratona junto, uma questão de mídia, porque naquela época tinha o Jornal O Dia que patrocinava essa maratona e tinha outro jornal... Tinha duas maratonas no Rio de Janeiro e havia uma concorrência entre dois jornais.

J.P. – Pela história que eu tenho aqui, tem o jornalista Werneck.

F.S. – Werneck, José Inácio Werneck.

J.P. – Que era do jornal, se não me engano O Globo.

F.S. – O Globo... Eram os dois jornais, tenho que olhar nos meus alfarrábios.

J.P. – Eles diziam até que, naquela época, a Maratona era uma prova das grandes cidades, das grandes capitais. Será que Porto Alegre um dia vai chegar lá, se inserir nessas grandes capitais?

F.S. – Se insere. Quer ver: há vinte e quatro anos atrás o número de corredores que tinha no Brasil eram muito menos que tem hoje, mas muito menos. É uma questão de mídia, propaganda. Tem muita prova que tu não vais porque tu não sabes que existe. Tem muita prova aí boa, interessante, que tu não vai porque tu nem sabe que existe a prova. “Ah, porque que não me avisaram...” O problema é divulgação e, claro, que prova pequena quem vai divulgar é quem organiza, é complicado. Mas a Maratona que é o evento da cidade, porque a Maratona de Porto Alegre é Decreto Municipal¹⁶. Eu não sei o que a Câmara Municipal faz com isso. A mídia quem está patrocinando, quem bota dinheiro que, no caso, é a RBS.

J.P. – Pois é aí tu tocaste num ponto importante sobre a questão da participação do poder público. Tu achas que o poder público poderia participar mais?

F.S. – Eu acho que deveria. Pelo que me consta, se não me engano, o poder público cobra a EPTC; se eu não me engano, parece que cobra; a Brigada Militar cobra, mas acho que não, tem que ser o contrário, pois um evento da cidade.

J.P. – Mas ela não nasceu exatamente pelo poder público, ela foi auxiliada pelo poder público, mas ela foi criada pelo CORPA¹⁷. Tu acha que é importante que essa corrida continue sendo organizada por esse Clube de Corredores? E por quê?

F.S. – Olha! Se ela continua sendo organiza pelo CORPA ou não, não sei, pelo que me consta um dos objetivos do CORPA é organizar Maratona. Se não me engano, o primeiro objetivo como Clube de Corrida. Mas eu não sei se consta no Decreto, porque eu nunca li isso aí; se tem que ser organizado pelo CORPA ou por outros, mas tem que acontecer. A de Rio Grande, cinquenta quilômetros de Rio Grande, também tem o mesmo procedimento, a de Curitiba, corri quase todas, com exceção das últimas duas porque houve essa lesão grave e o pessoal queria levar também para Decreto Municipal, porque aí não vai morrer nunca...Porque o CORPA tem patrocinador, assim como pode não ter, mas no final, mesmo não tendo patrocinador vai estar lá: “Ó, aqui é Maratona, tá no Decreto, tem que ter”. Eu acho muito importante isso.

J.P. – Eu posso dizer porque que eu tenho já de andamento na pesquisa, na parte de legislação, que o CORPA se encarregou de fazer a primeira Maratona e aí os organizadores da primeira Maratona chegaram ao Prefeito, que era então o João Dib¹⁸ e pediram para que ela fosse oficializada no pelo município. O Dib, então, fez um Decreto, depois ela passou a ser integrada no calendário de eventos do município, concorrendo com a Feira do Livro e outros eventos. Mas essa é a única participação do poder público, além de ter o controle e a cedência do espaço público para correr.

¹⁶ Decreto nº 8.315 de 09 de setembro de 1983.

¹⁷ Clube de Corredores de Porto Alegre, entidade que criou e promove a Maratona de Porto Alegre.

F.S. – Mas podiam, também, divulgar; o poder público podia, também, divulgar. Assim, como, por exemplo, a corrida de Porto Alegre. Teve o aniversário de Porto Alegre em março, a Prefeitura divulga, e a Maratona, praticamente não. Aparece lá o logotipo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, mas quem divulga é a rádio, o jornal.

J.P. – Tu tens alguma história curiosa para contar, de todas essas maratonas que tu fizeste, principalmente, essas de Porto Alegre?

F.S.C. – Bah! Histórias eu tenho, tenho algumas até que não dá para contar [rs], são meio engraçadas, mas...tem que ser de Porto Alegre?

J.P. – É, seria melhor, pelo contexto.

F.S. – Me lembrei de uma agora. Não sei que ano era. Antes da gente largar, lá no Parcão, na hora da largada desaba um temporal terrível. Não sei se tu estavas nessa aí.

J.P. – Não lembras o ano?

F.S. – Eu não lembro o ano... Foi todo mundo para baixo da marquise e, naquela época, eu tinha um ritmo razoável, um pouquinho melhor e eu corria junto com o Antônio Maria¹⁹, o popular Português, sabe quem é, né?

J.P. – Sim, sei quem é.

F.S. – E aí o Paulo Silva, que era o coordenador da prova, diretor da prova, disse: “Vamos dar um tempo”. Ia largar às 8 horas, por exemplo: “Não, não, tem que esperar um pouquinho, porque não tem condições, é muito forte a chuva”. E todo mundo se acotovelando naquela marquise e o português disse: “Vou lá para o carro”. E se foi para o carro, aí a chuva diminuiu, deram o tiro de largada e o português ficou no carro. Depois lá no quilômetro quinze, dezesseis, ele me encontra. “Ah Chico, o que houve? Bah, tive que dar um pau danado para te encontrar aqui, porque larguei depois, quando eu voltei já tinha

¹⁸ João Antônio Dib, Prefeito de Porto Alegre no período de abril de 1983 a janeiro de 1986.

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

todo mundo largado”... Deixa ver outra história... É, as outras não dá muito para contar. Eu tenho várias histórias.

J.P. – O que tu acha então... Nós já falamos praticamente de tudo, mas sobre essa participação da RBS, tu achas que ela conseguiu dar um *upgrade* na participação do público, inclusive de corredores?

F.S. – É, conseguiu. Mas poderia ter feito mais. No início foi impacto, tinha muita entrevista no jornal, no rádio, na TV, e agora o que eu noto, é mais perto da Maratona, que tem participação do jornal; mas é mais perto, divulgam bastante, mas acho que poderiam divulgar antes, por exemplo, agora, começar em janeiro e fevereiro. E o pessoal tem que começar a se preparar porque senão esse povo que não tem muita idade vai começar a se preparar para a Maratona em abril, daí não dá, pois ninguém consegue se preparar em dois meses para correr a Maratona.

J.P. – Normalmente o lançamento da nossa Maratona é no mês de março, por aí, quando se abrem as inscrições.

J.S. – É, fazem o lançamento, mas eu não vejo muito na mídia. Fazem o lançamento, muito próximo da data de realização da prova; podia ser até antes ou fazer o lançamento em março e começar a divulgar, divulgar e divulgar. Mas o conceito que a Maratona de Porto Alegre tem, no Brasil todo... Eu já corri em tudo que é lugar desse país e tem lugares que fui várias vezes, é excelente, porque a Maratona ocorre em uma temperatura um pouco mais agradável, nem sempre; às vezes já deu um calorão daqueles, em um percurso plano e tem uma organização muito boa.

J.P. – Então quer dizer que as pessoas que vem para cá são mais maratonistas mesmo?

F.S. – São mais maratonistas, exatamente. Maratonistas.

J.P. – Outra coisa, a participação das mulheres, nesse ponto de vista, tu achas que elas deveriam ter uma maior participação? Porque o número é muito inferior à participação dos homens?

F.S. – É inferior, mas já melhorou bastante. Eu me lembro na década de 1980 eram umas dez mulheres correndo na maratona, era a Geni Mascarello, aí depois veio a Antônia Osvaldina²⁰, a Magda²¹, a Miriam²², a tia Terezinha Rodrigues²³, ela chegava perto da Geni, mas pouco vinha na Maratona de Porto Alegre. Eram sempre as mesmas figurinhas, bom, assim como, também nos homens, com a faixa etária mais elevada, também, é sempre os mesmos. Acho que agora está melhorando, com essas corridas de academia, corridas de empresas de material esportivo, está melhorando, porque a maioria dos corredores que disputam a Maratona não gosta dessas corridas. Eu também não gosto, eu digo assim: “Não vou pagar setenta reais, ah não, mas tem camiseta, tem a mochila, tem mais o quê, mas eu quero correr, não quero mochila, nem camiseta, nem nada.” Mas para o povo que está começando é muito importante, por ter a mochila, ter a camiseta. E por aí podem entrar em um time de corredores, não ficar só na festa.

J.P. – Com essa avalanche de corridas, praticamente temos muitas corridas todo final de semana. Tu achas que a Maratona pode perder espaço nesse meio?

F.S. – Eu acho que não. Se fizer aquele negócio... A Maratona e fazer corridas mais intermediárias, quinze quilômetros, vinte quilômetros, trinta quilômetros, que não tem, né? Como é que é a corrida de trinta quilômetros? Eu lembro que em Cascavel²⁴, um tempo atrás, tinha uma e desapareceu. Então, se criar corridas mais longas, o pessoal vai em uma escadinha, se prepara melhor para correr a maratona.

J.P. – Vai se preparando melhor.

F.S. – Melhor. O povo fica só nos cinco quilômetros, nos dez quilômetros. Cinco quilômetros, dez quilômetros, revezamento.

J.P. – É... Agora parece que surgiu um circuito aí...

²⁰ Antônia Osvaldina O. Silva, vencedora da Maratona de Porto Alegre no ano de 1991.

²¹ Sandra Magda Lima, vencedora da Maratona de Porto Alegre nos anos de 1983 e 1987.

²² Miriam Celyna Neutzling Caldasso.

²³ Maratonista dos anos 1980.

²⁴ Cidade do interior do Paraná.

F.S. – Um circuito que vai aumentando, é bem interessante. Faz dez, quinze, depois vinte e um.

J.P. – Isso. Tu já participaste alguma vez da direção do CORPA, pelos teus longos anos de corrida?

F.S. – Não, nunca participei. Já me convidaram mais de uma vez, mas aí por questão de trabalho, não tinha condições.

J.P. – Os critérios, tu achas, por exemplo, a Maratona consegue, pelo que eu vi nas minhas pesquisas... A Maratona é única oficial, oficializada pela CBA²⁵. Não a oficialização do Município. Tu achas que as outras corridas poderiam seguir o mesmo exemplo?

F.S. – Poderiam, poderiam sim. Que nem tem a São Silvestre²⁶. [trecho inaudível] oficializada pela CBA. Eu acho que a Meia Maratona do Rio também é, se eu não me engano é. A Volta da Pampulha²⁷ eu acho que também é. Apesar de ser uma distância quebrada. Mas poderia ser.

J.P. – Na tua opinião, tu achas que poderia beneficiar o movimento de corrida?

F.S. – Poderia porque aí a elite vem, né. Vale para recorde, se não é oficial, não. E a elite vindo da para fazer uma divulgação em cima disso. Imagina, vem correr aqui em uma corrida de dez quilômetros o Marilson, o Frank Caldeira²⁸, ou outro qualquer, leva gente. Eu me lembro naquela década de 1980, que eu comecei a correr no início da década de 1990, as poucas corridas que tinham nem as medidas eram exatas e a gente terminava a prova e: “Meu tempo foi bom hoje, mas a medida não era aquela”. Ou “Meu tempo foi ruim, a medida não era aquela”. E erravam o caminho e vinham os corredores de elite, na época, tinha a corrida dos arquitetos, corrida dos engenheiros, eram as mais famosas que

²⁵ Confederação Brasileira de Atletismo.

²⁶ Corrida Internacional de São Silvestre, realizada anualmente no dia 31 de dezembro na cidade de São Paulo.

²⁷ Volta Internacional da Pampulha, realizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

tinham aqui e como tinha uma premiação boa, a elite nacional vinha e corria aqui e levavam um bom público, naquela época, vinte anos atrás.

J.P. – Então, na tua opinião tu acha que essa relação de influência das corridas menores para a Maratona é inversa, as corridas que mais ocorrem é que vão influenciar a participação na Maratona?

F.S. – Eu acho. Jamais um corredor vai se tornar corredor porque ele viu a Maratona. Eu volto no início da nossa conversa aqui: em 1984, a primeira vez que eu vi que tinha uma corrida que eram quarenta e dois quilômetros e cento e noventa cinco metros, nas Olimpíadas de Los Angeles. Aí chegou aquela suíça toda ruim e eu disse: “Como é que uma pessoa pode correr quarenta e dois quilômetros”, mas tem que chegar assim, né? E hoje em dia para eu correr quarenta e dois quilômetros não é nenhum bicho, acho que qualquer indivíduo mortal corre quarenta e dois, desde que não tenha alguma lesão e tenha um treinamento adequado, para completar. É tirar o mito da Maratona, que havia muitos aí, que maratonista era uma coisa só para elite... Não, Maratona é para qualquer um.

J.P. – Não tu achas que a Maratona tenha... Que seja uma corrida mítica?

F.S. – Ah não é. Ridículo, né... Aquela história toda, eu tenho um livro sobre isso aí, da História da Maratona, como é que surgiu, um livro de história mesmo, então tem essa mítica; claro que tem, para mim, a melhor distância que tem é a Maratona, que não é para qualquer um, também. Como eu digo para o pessoal aí – o meu filho está correndo também – dez quilômetros faz, vinte e um faz, correr vinte e um não tem nada que ver com quarenta e dois, até o quilômetro trinta todo mundo vai, aí é que está a história, depois do trinta a coisa complica...

J.P. – Aí é que de repente está o mito da Maratona.

F.S. – O mito e também a questão do treinamento porque ninguém vai ficar treinando quarenta e dois quilômetros uma vez por semana, né? Se tu és corredor de dez quilômetros,

²⁸ Marilson Gomes dos Santos e Franck Caldeira, maratonistas brasileiros. Representaram o país nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012.

todo dia tu fazes dez quilômetros, vinte um, tu vai fazer vinte um, até mais no teu treino, agora quem é que vai fazer quarenta e dois quilômetros uma vez por semana? Não tem como, então, todo o mito da história está por aí, como é que eu vou correr... Tem uma amiga minha que estreou na primeira Maratona [trecho inaudível] “Como é que eu vou correr quarenta e dois quilômetros se eu nunca corri quarenta e dois na vida”. Eu digo: “Não, trinta, trinta e dois, não faz mais do que isso, não precisa mais do que isso”. Só sabe quem fez. Só é maratonista depois que tu completares a primeira Maratona. Eu não digo depois, depois que o cara completou e diz assim: “Eu quero fazer de novo!”. Porque tem aquele cara que completa, nunca mais. O que não completa eu nem vou dizer, porque esse não... O cara que completou a primeira, porque essa é a primeira não tem como não ser, “Bom, quando é que é a próxima?” Eu acho que a única corrida dessas que tem aí, que tem essa aura em cima, ou as ultras, mas isso é outro departamento.

J.P. - Para gente finalizar, Chico. Então, até mesmo para reforçar porque a gente já tocou nesse assunto, sobre a questão da organização da nossa Maratona. Tu achas que ela atende a todos os requisitos que os atletas necessitam para correr os quarenta e dois quilômetros?

F.S. – Eu acho que ela é muito bem organizada. Em nível de Maratonas do Brasil que eu já estive por aí é a de Curitiba e a da aqui; em organização talvez Curitiba até ganhe um pouquinho daqui, claro, que é uma Maratona muito mais difícil que a nossa, não tem como comparar é uma época muito quente e o percurso é ondulado e eles mudam o percurso, sempre vão para tudo que lado e eu, particularmente, não me importo. Se a Maratona tem dificuldade para um, tem para todos, e tem gente que só pensa no relógio; Maratona é à parte para comparar o trajeto de Porto Alegre com o trajeto de Porto Alegre e não Porto Alegre com Curitiba. Mas eu acho duas coisas, primeiro: a gente tem que popularizar mais isso aí, tem que baratear o custo de inscrição, pois a maioria dos corredores maratonistas tem uma renda baixa. E arranjar patrocínio, ora, quanto que, não vou citar nomes aqui, mas quantos [trecho inaudível] vêm em cima da gente; se não houvesse da Maratona eles ganhariam? Claro que não. Todos esses aditivos, essas coisas que tem aí ganham em cima da Maratona, o que ele não reverter em prol de...

J.P. – Para a própria Maratona...

F.S. – Porque se não tiver o corredor pangaré²⁹, como nós chamamos a Maratona não sai. E façam Maratona só com a elite, dez? Não corre quinze? Não corre, a massa é o corredor da Maratona e esse aí fica sustentando a Maratona.

J.P. - Sim, porque se for fazer uma Maratona só para a elite fora de uma Olimpíada, só dá prejuízo.

F.S. – Tem por quê? Porque a massa tem tudo. E a mídia vai ganhar com aquela massa toda. Então eu volto a insistir: eu acho que tem que baratear a inscrição da maratona, das corridas em geral. Como era antigamente... As corridas eram... Porque diz o seguinte: “não, porque tem toda essa infraestrutura que era cara”. Que não havia antigamente nas corridas aqui. Tudo bem, mas só que o seguinte: que na época não havia patrocinadores e agora está cheio de patrocinadores, então, porque não indica esses patrocinadores; larguem mais dinheiros para o coitado do corredor e a maioria dos corredores, muitos deles não vem por falta de condições financeiras. Eu acho que tem que popularizar a Maratona por aí. Só para concluir, o que está acontecendo agora que é a inscrição para a terceira idade, 50%, muitas corridas, o que eu acho uma coisa muito interessante.

J.P. - E essa população inclusive vai crescer.

F.S. - É, vai crescer. Eu estou chegando lá. [risos]

J.P. - Então, Chico, muito obrigado pela entrevista, só tenho a agradecer por toda essa conversa aqui.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁹ Expressão usada para corredores amadores que correm por satisfação pessoal.